

## A solidão da lésbica juvenil em *As traças*, de Cassandra Rios

### The lonely young lesbian in *As Traças*, by Cassandra Rios

Maria da Glória de Castro Azevedo<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo é um recorte da minha tese de doutoramento intitulada *Leitura, literatura e ensino: a Literatura de temática lésbica como um território assombrado*. Ele faz uma análise acerca da sexualidade, solidão e conflitos mentais pelos quais passam a jovem personagem lésbica no romance *As traças*, de Cassandra Rios. Partindo-se do princípio de que a literatura reproduz valores da heteronormatividade, o estudo de personagens lésbicas representa uma ranhura no pensamento heterocompulsório, ao evidenciar a existência de outros corpos e desejos, bem como ao discutir sobre as angústias que marcam a jovem lésbica diante de uma sexualidade considerada contraventora.

**Palavras-chave:** Lesbianidade. Crítica. Gênero. Ensino. Leitura.

**Abstract:** This article is an excerpt from my doctoral thesis entitled *Reading, literature and teaching: Lesbian themed literature as a haunted territory*. He analyzes the sexuality, loneliness and mental conflicts that the young lesbian character goes through in the novel *As traças*, by Cassandra Rios. If the literature reproduces values of heteronormativity, the study of lesbian characters represents a break in hetero-compulsory thinking, by highlighting the existence of other bodies and desires, as well as by discussing the anxieties that mark the young lesbian in the face of a sexuality considered contravening.

**Keywords:** Lesbianity. Criticism. Gender. Teaching. Reading.

---

<sup>1</sup> Professora de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Tocantins – UFT. Atua na área de estudos de gênero com ênfase na literatura de temática e autoria lésbica. Participa do Núcleo de Estudos das Diferenças de Gênero - NEDiG/UFT. E-mail: gloriazevedo@mail.uft.edu.br. ORCID <https://orcid.org/0000-0002-5970-5254>.

\*Artigo recebido em 30 de junho de 2024 e aceito para publicação em 25 de setembro de 2024.



## Introdução

Neste texto, discute-se sobre a diversidade do temário literário brasileiro feito por obras literárias vistas como menores e que funcionam como contraponto ao pensamento hegemônico da chamada literatura heteronormativa, que coloca na sombra temas, autoras, autores e obras relevantes para a problematização dos afetos e dos corpos de outras sujeitos. Por meio desse estudo, é possível entender como valores patriarcais influenciam no ensino e na pesquisa de literatura, quando da formação discente e reforçam uma visão padronizada em torno do pensamento crítico e da abordagem do texto literário em sala de aula, bem como na formação da leitora e do leitor, visto que o sistema literário carrega em si valores ideológicos, culturais e políticos que definem e dão continuidade a uma forma de se pensar a sociedade.

Considerando-se que a literatura é também um espaço político e que o discurso literário é um produto cultural comum aos valores construídos e incorporados como naturais ao homem e à mulher, entende-se que a crítica literária e o ensino de literatura tendem a ignorar ou a subvalorizar obras literárias que abordem os sujeitos que não representam ou não legitimam o pensamento heterocompulsório, conforme aponta Wittig (1980, p. 10). Tanto os estudos feministas e de gênero quanto os estudos da teoria literária referentes ao cânone, representação, estética e valor literário complementam-se e auxiliam no entendimento de como os discursos ocorrem, como transformam as identidades sociais ao longo do tempo e de que forma oferecem maneiras de desafiar a hegemonia cultural dos grupos dominantes, oferecendo outras perspectivas para a abordagem do discurso literário sistematizado.

Cassandra Rios, por meio de seus romances, defendia que não há necessidade de especulações nem de polêmicas científicas em torno da sexualidade humana, pois considera que essa é natural e espontânea e não um problema biológico ou psíquico, como exemplo, cita-se o romance *Copacabana Posto 6 – A madrasta* (1972). Essa autora consciência de seu papel para a formação de uma literatura (e até de uma teoria crítica) lésbica. Em sua autobiografia *Mezzamaro, flores e cassis* (2000), ao comentar sobre a sua produção literária, defende que sua escrita dava vez e voz aos sujeitos silenciados e solitários em suas sexualidades e, através de sua literatura, as leitoras e os leitores aprendiam a se reconhecer, identificavam-se com as reflexões das personagens e se viam representadas/os como grupo minoritário e situado à margem da sociedade.

Rios acredita que:



[...] a estes [os leitores] mostrei nos meus livros, dura e realista, sensível e ardente, às vezes até fria e cruel, conforme enredo, que os mundos são mundos iguais a qualquer mundo, no modo de viver das sociedades, homo ou hetero. (...) quis mostrar como se divide e identifica, manifesta-se, compactua e ataca, silencia e condena levemente a Homossexualidade, sem entenderem do assunto coisa alguma, pois não há o que entender, mas o que respeitar, aceitar e admitir que todo ser humano tem o Direito de viver sua própria Vida, do jeito e do objetivo para os quais nasceu (Rios, 2000, p. 73).

A literatura de temática lésbica é capaz de suscitar análises sobre a mulher lésbica e seu lugar de fala, conflitos, afirmações, construções de novos discursos, desconstrução de linguagens e discursos antigos. Se essa literatura vive a princípio na margem, por tratar de um assunto considerado limítrofe demais, quando se considera a sexualidade feminina, ela não deixa de ser uma análise das relações sociais e culturais em que a mulher está inserida, independentemente de ser heterossexual ou lésbica.

A literatura de representatividade lésbica junta em um só espaço diversos aspectos do comportamento feminino, desde a erotização do corpo e da sexualidade, romantização das relações afetivas, análises das inserções socioafetivas e solidão que permeiam a existência da mulher na sociedade, fazendo do texto literário uma linguagem do corpo político. Ao longo dessa análise, percebe-se com a narradora estabelece uma leitura da sociedade de então e como analisa os preconceitos e as angústias pelos quais passa a mulher jovem lésbica. Neste artigo, portanto, discute-se como os valores sociais preestabelecidos contribuem para o desconforto, isolamento e problemas psíquicos da personagem juvenil, ao se descobrir com uma identidade sexual considerada inapropriada pelo pensamento heterocomplusório.

### **Abordagem teórica e os desafios do pensamento gendrado**

O presente artigo referenda-se pelo viés de gênero, corrente teórica importante para a pesquisa de literatura, tanto no que se refere à historiografia – que trata da exclusão de autoras – quanto no que diz respeito à perspectiva de uma leitura socio crítica que analise os processos de invisibilidade quando da seleção de obras, autoras e temáticas para o estabelecimento de pesquisa leitura e ensino de gênero na ficção literária. Os estudos feministas e de gênero e os estudos da teoria literária referentes ao cânone, representação, estética, valor literário e ensino de literatura complementam-se e au-



xiliam no entendimento de como os discursos ocorrem, como transformam as identidades sociais ao longo do tempo e de que forma oferecem maneiras de desafiar a hegemonia cultural dos grupos dominantes, oferecendo outras perspectivas para a abordagem do discurso literário sistematizado.

A proposta desse estudo é apresentar uma análise crítica acerca da temática lésbica nos estudos da literários. Serão utilizados, como aportes para a argumentação, o pensamento teórico de Judith Butler, Tatiana Lionço, Débora Diniz, Roger Raupp Rios, Wederson Rufino Santos, Monique Wittig, Guacira Lopes Louro e Mikhail Bakhtin. O pensamento crítico desses teóricos sustenta a argumentação em torno da importância dos estudos de gênero para a produção de uma crítica literária que visibilize outras narrativas para além do contrato heterossexual, quando se pensa na pesquisa e nos estudos de literatura.

Wittig (1980) propõe a quebra do contrato heterossexual no que diz respeito, por exemplo, à produção de conhecimento, direito à fala e representatividade e vivências sexuais das mulheres lésbicas para que esse grupo que foi (e ainda é) historicamente silenciado possa romper essa estrutura opressora produzida e mantida em um modelo histórico heteropatriarcal. Wittig defende que:

[...]nos sistemas que pareciam tão eternos e universais que se lhes podiam extrair leis, leis que podiam ser enfiadas em computadores, e em todo o caso, para já, enfiadas no mecanismo inconsciente, nestes sistemas, graças à nossa ação e à nossa linguagem, estão acontecendo mudanças de enfoques. Um modelo tal como a troca de mulheres, re-submerge a história de modo tão violento e brutal que o sistema inteiro, que se acreditava ser formal, desaba para outra dimensão do conhecimento. Esta dimensão da história pertence-nos, já que de algum modo fomos designadas e uma vez que, como disse Levi-Strauss, falamos, então deixe-nos que quebreemos o contrato heterossexual (Wittig, 1980, p. 15).

Uma vez que a personagem lésbica e os vieses de exclusão dos estudos literários de obras literárias que exploram essa temática são feitos tanto pelo sistema literário quanto pelo ensino de literatura, quando se pensa acerca dos estudos críticos de abordagem lésbica, entende-se que as análises quebram o contrato heterossexual e possibilitam a mudança do enfoque histórico da crítica literária que dá prevalência à heteronormatividade nos estudos literários se no ensino e pesquisa de literatura, com seu sistemático silêncio e sua homofobia literária, ao longo dos anos. Logo, tanto as editoras precisam ampliar a publicação e a divulgação de obras com temáticas



LGBTQIA+, quanto a pesquisa e o ensino de literatura precisam de mais pesquisadoras e pesquisadores com capacidade de leitura *queer* para retirar ou “re-submerger a história”, como disse Wittig, fazendo com que essa literatura gendrada saia da marginalidade e alcance um público diverso, além de estabelecer uma fortuna crítica em torno da temática, autoras e autores.

A capacidade de leitura *queer* significa ver o texto literário de temática lésbica sob uma perspectiva de deslocamento de corpo e da sexualidade liberada de uma identidade fixa. O olhar deslocado da categoria definida de gênero/sexo coloca-se como leitura do outro, sem haver a necessidade de identificar-se como sujeito lésbico, nem de se colocar em seu lugar. O que se faz necessário é se estabelecer uma leitura crítica dos valores morais, religiosos, políticos e sociais acerca de determinados sujeitos, avaliando como esses valores perpetuam estereótipos e invisibilidades de determinados grupos.

De acordo com Rios e Santos:

[...]Com efeito, fora da comunidade familiar, onde o sujeito é compreendido mais como membro do que como indivíduo. Mais como parte, meio e função do que como fim em si mesmo, não haveria espaço para o exercício de uma sexualidade supostamente indigna e de categoria inferior. Assim como ocorre com a prevalência dos direitos sociais sobre os direitos de reconhecimento da política na política dos livros didáticos, fenômeno análogo se registra com esse familismo higienizador da homossexualidade: no perfil dos livros didáticos observado pela pesquisa *Qual diversidade sexual dos livros didáticos brasileiros?* não há traços de representação democrática da diversidade sexual: esta é silenciada, e prevalece a heteronormatividade (Rios; Santos *in* Lionço; Diniz, 2009, p. 140-141).

Por ser a literatura um fenômeno antigo e complexo e serem a crítica e a pesquisa literária fenômenos recentes, estas últimas não podem pensar que uma metodologia de estudo sirva para qualquer texto literário. Tanto a literatura quanto seu estudo são seguimentos de complexidade e as variadas abordagens para uma pesquisa justifica-se desde que os procedimentos de estudo de uma obra literária “[deem] provas de seriedade e descubram novos aspectos no fenômeno literário, contanto que contribuam para aprofundar sua compreensão” (Bakhtin, 2000, p. 362).

Portanto, entende-se que o estudo de obras LGBTQIA+ precisa ser feito de forma a se descobrir novos aspectos literários de gênero e da crítica cultural relativos à padronização heterossexual e à quebra do contrato heterossexual nos estudos literários. Tanto os estudos feministas e de gênero quanto os estudos da teoria literária referentes ao cânone, representação,



estética e valor literário complementam-se e auxiliam no entendimento de como os discursos ocorrem, como transformam as identidades sociais ao longo do tempo e de que forma oferecem maneiras de desafiar a hegemonia cultural heterossexista, oferecendo outras perspectivas para a abordagem do discurso literário sistematizado.

### **Analisando os conflitos da lésbica juvenil em *As traças*, de Cassandra Rios**

Publicado em 1975, *As traças*, é um romance de enredo juvenil ambientado em um espaço escolar, cujo enredo se constrói como uma narrativa de descoberta da sexualidade lésbica da personagem protagonista em conflito diante da percepção de seus sentimentos homossexuais. Sentindo-se solitária e amedrontada, passa a refletir acerca dos valores socioculturais e ideias preconcebidas em torno da homossexualidade ao mesmo tempo em que procura se entender como lésbica e passa a procurar uma forma de sobrevivência em um ambiente hostil e homofóbico.

Para uma leitura crítica esse romance como um complexo e audacioso enredo juvenil, faz-se necessário uma leitura política destituída da tradicional leitura heteronormativa do texto literário e do corpo feminino como de direito e propriedade patriarcal. Ainda se faz necessário entender que a leitura crítica merece ser feita considerando-se a temporalidade da época, no que se refere à censura, autoritarismo e homofobia, mas que também deve ser analisada como uma narrativa que se estabelece no tempo como uma voz problematizadora de questões referentes à diversidade sexual e cultural, na sociedade brasileira do século XX, com suas normas regulatórias sobre a ilegitimidade dos afetos e dos corpos marcados como imorais ou patológicos.

A jovem protagonista Andréa sente-se como uma traça, alguém que não pode viver na luz:

[...]Sentiu-se só, desprotegida, amedrontada. De repente, sentiu a responsabilidade dos seus intentos, o perigo das suas reações de defesa, ansiosas, das particularidades do seu caráter da sua exigência sexual, da sua formação afetiva. Qual seria o limite da sua resistência, do que seria capaz, de como viveria, qual sua coragem e o resultado dos seus atos. Ela frisara bem; queria viver. Viver como? Amando. Como? Quem? A uma semelhante. A uma mulher! Sentiu-se um ser misterioso. Alguém que teria de viver de mentira, de disfarces, de simulações, enganando a todos porque não queria enganar a si própria. Sabia que da maturação sexual dependeria seu desenvolvimento intelectual. Sendo uma homossexual, a que chegaria? (Rios,1975, p. 121-122)



A traça, em definição dicionarista, é uma larva de inseto que provoca desgastes em tapetes, roupas e livros. Na linguagem figurada, as traças são tudo aquilo que corroem lenta, ininterruptamente e insensivelmente às lembranças, ao tempo, à própria vida. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2001, p. 532) a larva é, em linguagem figurada, a imagem da tendência a um mal aviltante e, também, a feiura. As traças não vivem na luz, vivem em armários, em livros, em lugares escuros, fechados. O constrangimento em torno da homossexualidade e a omissão do desejo, vivenciados inicialmente por Andréa, evidenciam como a construção negativa da homossexualidade invalida a vivência/existência da pessoa e dos afetos lésbicos. A pergunta “a que chegaria” revela que a personagem já pressente um destino fadado ao fracasso e ao nada ser, por não poder revelar-se publicamente, vivendo, portanto, como uma traça.

De acordo com Lionço e Diniz:

[...] A sexualidade não-heterossexual, em sua dimensão da lógica reprodutiva e supostamente natural, é um interdito, constituindo-se em um tabu. Aliada à censura implícita à diversidade sexual, encontra-se afirmada a compulsoriedade da heterossexualidade. Essa exigência normativa tem como efeito a desqualificação de outros modos de viver a sexualidade, gerando prática discriminatória homofóbica (Lionço; Diniz, 2009, p. 11).

Esse constrangimento em torno da homossexualidade se encontra na protagonista Andréa e mais duas colegas de sala, jovens silenciadas e solitárias que são, na maioria das vezes, agredidas verbalmente ou ignoradas pelo grupo formado por jovens heterossexuais. A leitura crítica desse romance contribui para discussões em torno da diversidade sexual e multiplicidade tanto de gênero quanto de sexualidade, isso se o ensino de literatura seguir a proposta de Louro (2004) acerca da política pós identitária para a educação e estranhamento do currículo; como política educacional que discuta outras sexualidades e construa uma pedagogia mais diversificada e inclusiva.

Retomando para a leitura da obra, percebe-se que a personagem Andréa vivencia essa censura implícita da diversidade sexual, mencionadas por Lionço e Diniz. A protagonista é uma jovem solitária e silenciosa que, embora procure se integrar ao grupo heteronormativo, sente-se deslocada e passa a tomar consciência de que está, como lembra Wittig (1992, p. 15) “[se] tornando algo que não existe”, uma vez que ela quebrará o que denominou de contrato heterossexual, pois a percepção “[da]disposição da natureza” Wittig (1992, p. 15) vai justamente de encontro à relação heterossexual obrigatória.



Ela se sente dessa forma porque, na concepção da desconstrução dos papéis de gênero, ela não representa um corpo que confirma a existência para o afeto masculino, como é estabelecido pelo pensamento heteropatriarcal.

Para ela, reconhecer-se lésbica, significa que estaria agora em outro lugar e que não pertenceria à matriz padronizada da mulher heterossexual, conforme vê-se na conversa entre a avó e ela:

Vocês andam me espionando muito, sinto o peso do pensamento de vocês em cima de mim. Acham que sou uma incógnita e querem o resultado, isto é, querem saber o que pretendo, o que penso da vida. – **Não nego e já que tocou no assunto, o que é que pensa? O que pretende?** – Viver. Simples assim, uma resposta evasiva que não diz nada. – Ao meu modo, vovó. – E... como seria o seu modo? – Sem pressa, sem medo, sem sonhos, sem reservas, pensado que, se eu não lutar para ter o que eu poderei me fazer feliz, ninguém o fará por mim. Antes torcerão a minha personalidade para que eu faça aquilo que quiserem e não o que me interessar. No dia que eu tomar uma decisão, vovó, será definitiva. Aquilo que eu sou e o que pretendo não deixarei que destruam (RIOS, 1975, p. 117).

Andréa parece pronta para enfrentar o pensamento hetero compulsório e sua fala contém tanto valor político quanto valor simbólico de afirmação da sua lesbianidade, visto que ela não se deixa oprimir pelo discurso da matriz heterossexual, estabelecendo um contradiscurso que, embora não seja claro para a avó, rasura a visão totalizante do pensamento heteronormativo instituído como um dogma.

A medida em que a personagem passa a se conhecer, ela também passa a perceber que existem outras jovens como ela e se sente incomodada com a homofobia dos amigos para com uma colega homossexual cuja identidade de gênero fica evidente pelas roupas, corte de cabelo e corpo andrógino. Passados quase cinquenta anos de sua publicação, o diálogo entre Andréa e Lau (seu pretense namorado), acerca da colega de sala de aula, permanece atual e valoroso para as discussões acerca do preconceito para com pessoas homossexuais. A conversa tem início com o personagem Lau incomodado com a tentativa da colega em se aproximar de Andréa:

[...] – É que o comportamento e a moral de Rosana não são muito recomendáveis, e a gente já percebeu que ela está perturbando você. – Perturbando?! A indignação de Andréa deixou Lau sem graça. – É, você entende. – **Não, não entendi. Ela é muito amável e apenas se adiantou para oferecer seus cadernos de pontos. Afora isso, foi sempre muito educada e... simples. Acho que vocês exageram**



**quanto ao que ela pode ser.** – Você acha? É que não sabe das coisas. Rosana é esquisita. Ela, em, não sei como dizer. – Tem alguma doença contagiosa? – **Não, não ironize, não é isso.(...)** – Este mundo ainda se encarapuça, se escuda, se acovarda, teme o que? As pessoas, o que são, o que fazem, o que podem influenciar. É interessante, Lau, realmente você se enganou na resposta. – Que resposta? – É uma doença contagiosa. Os preconceitos continuam formando grupos. As pessoas não gostam de entenderem umas às outras, preferem julgar, acusar, separar. Eu tenho ideias diferentes de agrupar, de analisar e entender. Entendendo, a gente acaba achando que o demônio é até bonito. (...) Sabe, até que Rosana é bacana mesmo, amiga paca, ajuda a gente, tem cabeça, presta atenção nas aulas e guarda tudo, eu não devia... – Esqueça. Só não esqueça que ela é gente, tá? (RIOS, 1975, p. 105-106).

O diálogo entre os personagens possibilita refletir acerca de como se costuma julgar e afastar as pessoas que não estão dentro da heteronormatividade, como se elas fossem uma doença contagiosa. A discussão proposta por Rios, na década de 1970 é ousada e mostra que a sexualidade, os interditos e a solidão desses corpos dissidentes desde sempre se fazem presentes em um organismo escolar que reproduz os preconceitos sociais.

No que se refere à paixão de Andréa por Berenice, experienciado o amor, não há paz e equilíbrio para ambas, visto que o romance das duas passa a ser vivenciado como transgressão em uma sociedade centrada no pensamento heterocomplusório. As duas passam a viver na zona fronteira do medo e da culpa, corroendo-se como traças, lenta e silenciosamente. Andréa passa a viver à beira de um precipício: ora se sente confiante sobre o que deseja para si e ora se sente emparedada e solitária, caminhando para um precipício, não apenas por causa da sua sexualidade, mas também pela paixão proibitiva por sua professora, talvez por isso, sentindo-se abalada psicologicamente, a jovem, furta comprimidos da farmácia do seu pai, passando a viver em uma espécie de letargia e de confusão mental.

[...] Andréa percebeu a germinação da semente no chão virgem dos seus sonhos ainda não realizados. Uma semente oculta na profundidade do ser e que até então nenhum raio de sol atingira para atizar a vida, para fazê-la entender as raízes, e agora o sorriso daquela mulher a aquecia para que retorcesse na vibração pujante, para se abrir e brotar! Era um fiozinho de arrepio que a percorria toda, num reconhecimento do solo onde se plantara! Há muito tempo pressentia que alguma coisa assim estava oculta dentro dela e que iria manifestar-se de modo que não pudesse



mais negar o que sabia de si para si mesma. Não queria avaliar o fato, nem se interessar, nem entender o que estava percebendo. Fazia-lhe mal, era o medo do inevitável que teria de aceitar. (...) Estava irritada, numa prevenção complexa, como se doesse tê-la conhecido, porque chegara ao entendimento de que a gente conhece pessoas e, outras, a gente recebe. Recebera-a dentro de si. Aquela mulher invadira-a, como o mundo absorvendo a luz do sol. (...) Porque Berenice, pensou, era alguém *especial* para ela. Aquele alguém que sabia que surgiria para positivar todos os seus pensamentos e reconhecimentos de si mesma, num objetivo único e inaceitável. Estava acontecendo o que temera a clara-se definitivamente em sua vida. A disposição da natureza. A noção final do que era: lésbica (Rios, 1975, p. 14-17, 47-48).

O final da narrativa é aberto, o que possibilita à leitora e ao leitor continuar a reflexão sobre os acontecimentos, acentuando a tragicidade da personagem Andréa, com ela despertando no hospital depois de dias em coma, ao lado da sua mãe e da sua amante, ao mesmo tempo em que ouve uma pergunta inusitada. O enredo se fecha deixando subtendido que a sua mãe também viveu uma experiência amorosa com a professora: “[Berenice], você não fez com minha filha o que fez comigo, não?” (Rios, 1975, p. 299).

Os finais trágicos nos romances de Rios (são raros os finais abertos, possibilidades, embora incertas, de felicidade) parecem as únicas saídas para suas atormentadas jovens burguesas. Em uma sociedade que trata a homossexualidade como pecado e doença, suas personagens estão no limiar entre afirmação da diversidade sexual ou compreensão de que é um corpo abjeto. Segundo Butler (2008, p. 190), o homossexual é visto pelo olhar social homofóbico e categorizado como um corpo poluído. Essa categorização é anterior à AIDS e existe desde quando as ciências da saúde classificaram a homossexualidade como doença. Em contraponto, a produção literária de Rios, iniciada na década de 1940, procura desconstruir esse olhar social acerca da lésbica (e das travestis) durante seus quase quarenta anos de escrita.

## Considerações finais

As obras literárias têm a função de romperem as fronteiras de seu tempo e de viverem através do tempo. É comum que obras pouco reconhecidas, quando revisitadas apresentem problematizações importantes tanto para se estudar o passado, quanto para se compreender situações do presente. Diante do exposto, o interesse que as obras de Rios começam a despertar nos estudos acadêmicos, com a crítica literária reconstruindo o seu



valor literário e observando como a crítica literária passada não soube (ou não quis) entender os novos aspectos de seu temário e discussão literária, talvez possa-se afirmar que algumas obras literárias dessa autora atendem, resguardas as diferenças, ao conceito da grande temporalidade Bakhtiniana, ao se mostrar como uma discussão atualizada, permitindo que a abordagem do tema, a constituição das personagens, a zona fronteira entre o que a própria autora chama de “caráter e moral”, bem como o enfrentamento dessa mesma moral e dos bons costumes coloquem tanto a obra aqui estudada, quanto outras da sua extensa produção literária, em um lugar de estudo mais compreensível do que na sua contemporaneidade.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão; revisão da tradução Marina Appenzeller. 3ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- LIONÇO, Tatiana, DINIZ, Debora LIONÇO. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. *In*: Tatiana, DINIZ, Debora (orgs.). **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio**, Brasília, LetrasLivres: EdUnB, 2009, p. 47-71.
- LOPES, Denilson. O entre-lugar das homoafetividades. **Ipotesi, revista de estudos literários**. Juiz de Fora, v. 5, n. 1, 2001.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Tradução de Carlos Sussekind (*et al.*). Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- RIOS, Cassandra. **Copacabana Posto 6 – A madrasta**. 2ª ed. Rio de Janeiro: editora Mundo Musical LTDA, 1972.
- RIOS, Cassandra. **As traças**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- RIOS, Cassandra. **Mezzamaro, Flores e Cassis – O pecado de Cassandra**. São Paulo: Cassandra Rios Editora, 2000.
- RIOS, Roger Raupp, SANTOS, Wederson Rufino. Diversidade sexual, educação e sociedade: reflexões a partir do Programa Nacional do Livro Didático. *In*: LIONÇO, Tatiana e DINIZ, Débora (orgs.). **Homofobia & educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: LetrasLivres, EdUnB, 2009, p. 133-159.
- WITTIG, Monique. **O Pensamento Hétero 1**. Disponível em: mulheres rebeldes: sempre viva Wittig. Acesso em 03 de julho de 2024.

